

DROGAS: PRÁTICAS EDUCACIONAIS NO COTIDIANO ESCOLAR E SEUS DESDOBRAMENTOS NA AUTONOMIA INTELECTUAL DE ESTUDANTES

Karina Marinho
karinamarinho.prof@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Mariana Pinheiro do Nascimento
maripdn@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Maria de Lourdes da Silva

Introdução

A escola é entendida como espaço político de produção de conhecimento, sendo esses saberes não apenas curriculares e disciplinares mas, sobretudo, vinculados à construção identitária, com autonomia intelectual e criticismo cidadão. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, documento oficial que norteia temas fundamentais a serem abordados na Educação Básica, no volume que a aborda as questões relacionadas à saúde indica que “*a escola precisa enfrentar o desafio de permitir que seus alunos reelaborem conhecimentos de maneira a conformar valores, habilidades e práticas favoráveis à saúde*” (BRASIL, 1998, p. 263-4).

Nesse sentido, o documento inclui as drogas e o seu uso problemático como tema transversal a ser trabalhado neste espaço de formação, indicando a presença de práticas educacionais e educativas que tragam à tona discussões sobre o assunto.

Drogas é um tema comum e de grande interesse por parte dos/as estudantes, mas tem pouca facilidade de ser abordado pelos demais agentes envolvidos no cenário escolar, já que recorrentemente é visto como assunto tabu. “Porque é tão difícil falar sobre drogas?” é o título com que Pedro Abramovay inicia o prefácio de uma das obras mais emblemáticas de Gilberta Acselrad – Quem tem medo de falar sobre drogas? Saber mais para se proteger (2015). Tal questionamento atravessa rodas de discussão no espaço escolar há anos, deixando profissionais envolvidos no processo educacional sem respostas e também sem grandes encaminhamentos para intervenções.

Tais substâncias que, por sua vez, provocam reações psicoativas atravessam o cotidiano humano desde a própria existência do homem, logo, é possível projetar que esta relação permanecerá para sempre: *somos mortais, a natureza muitas vezes nos ameaça, muitas vezes nos decepcionamos com os outros – daí a humanidade criou a ciência para explicar o mundo, a arte para embelezá-lo, e usamos drogas como forma de ajuda, de apoio para suportar as dificuldades cotidianas* (Freud, 1969).

Sendo assim, faz-se necessária a presença de discussões em torno da temática em espaços no qual ocorre desenvolvimento cognitivo, intelectual e moral. A escola é, portanto, ferramenta fundamental na tomada de decisões por parte de seus estudantes. Porém, é importante salientar que, mesmo 29 anos após os PCNs, ainda são pontuais empenhos pedagógicos sobre o assunto.

Entendido como assunto transdisciplinar e de caráter sócio-político, a presença desses debates promove compreensão mais ampliada por parte dos discentes (e docentes), resultando numa

educação onde as pessoas sejam capazes de deliberar e exercer suas vontades (ACSELRAD, 2013, p. 102) respaldadas por um pensamento mais crítico, reflexivo e autônomo.

Na busca de uma educação autônoma que valorize o pensar, este trabalho tem como finalidade investigar, através de questionários anônimos, como estudantes de uma escola pública situada na Zona Sul do Rio de Janeiro se relacionam com o assunto, onde buscam e obtêm informações e suas percepções sobre o papel da escola nessa discussão. Ou seja, busca explicitar os impactos na autonomia de estudantes ocasionados pela ausência de práticas educacionais que girem em torno da temática drogas no espaço escolar. Para tal, desenvolveu-se a partir de respostas coletadas durante e após uma intervenção didática a partir desse eixo temático.

Metodologia

Inicialmente, foi feito um levantamento teórico a partir de pesquisas já realizadas até a idealização do projeto. Nesse sentido, compreendeu-se a importância da imersão no cotidiano escolar visto que a busca era por dados da/para a escola. Para aplicação da pesquisa, foram executadas algumas etapas anteriores, como formulação dos materiais didáticos (em especial, os questionários anônimos), contato prévio com a instituição de ensino participante e busca por materiais necessários para a logística de implementação.

A intervenção didática foi desenvolvida em uma instituição de ensino estadual na cidade do Rio de Janeiro. A mesma se dedica ao segmento do Ensino Médio nos turnos matutino, vespertino e noturno. A pesquisa foi realizada no turno da manhã e foi idealizada para turmas de 1º e 2º anos, a partir de contato anterior com o diretor acadêmico da unidade de ensino. Tal atividade constou de 5 etapas, a saber:

- Apresentação breve das pesquisadoras e de suas trajetórias acadêmicas¹;
- Aplicação do “*Questionário 1*” com o objetivo de recolhimento de respostas breves e fechadas, prévias à intervenção;
- Exibição de curta-metragem “*Nuggets*”;
- Debate com alunas/os para reflexão sobre o tema com o objetivo de trabalhar conceitos como descriminalização, despatologização e medicalização, com mediação realizada pelas pesquisadoras;
- Por fim, aplicação do “*Questionário 2*” a fim de obter resultados sobre a dicotomia Educação-Drogas.

Considera-se relevante salientar que o primeiro questionário (Q1) tinha como finalidade a coleta de respostas objetivas para diagnóstico da situação, sendo construído em sua maioria por questões de respostas sim/não e ainda de questões com assinalamento de substâncias psicoativas já consumidas. Enquanto o segundo questionário (Q2) tinha por fim captar narrativas construídas pelas/os estudantes após a experiência do cine debate, buscando compreender suas percepções sobre o papel da escola na discussão da temática.

¹ Vale frisar a importância desta etapa na autoestima das/os estudantes, visto que as agentes diretas da intervenção didática foram alunas da escola em questão durante suas formações no Ensino Médio.

Resultados e Discussão

Na intervenção didática realizada, foram coletadas as respostas de 40 jovens de três turmas diferentes, a constar na Tabela 1. Em função da ausência de alguns docentes, as turmas, que apresentam normalmente cerca de 40 alunas/os a cada classe, estavam bastante esvaziadas, o que não permitiu a coleta com um número de amostras mais elevado, por ora. É importante ressaltar que esta etapa da investigação nos permitiu refinar a metodologia aplicada, através do aprofundamento do questionários e elaboração de linha argumentativa mais estruturada para as etapas de apresentação e cinedebate.

Consideramos, sobretudo, desenvolver um tipo de pesquisa que seja ela também uma forma de intervenção, que se constitua em um programa que seja capaz de promover diagnóstico antes e após o procedimento. O que resultaria numa estratégia autoavaliativa, mas, sobretudo, de crescente envolvimento e reflexão dos discentes.

A pergunta que inicia o Q1 tem o objetivo de identificar a experiência dos jovens participantes com algum tipo de substância psicoativa. A partir de seus resultados é possível afirmar que, dentro do espectro analisado, a maioria dos estudantes já experimentou, em alguma ocasião algum tipo de droga. Em consonância ao já apresentado por outros estudiosos da área fica nítida a pertinência da discussão nesse espaço. As respostas apresentadas à esta questão estão explicitadas no Gráfico 1.

Turma	Série	Quantidade
1004	1º ano	15
1017	1º ano	20
2003	2º ano	5
Total		40

Tabela 1: Relação de respostas coletadas a partir da intervenção didática realizada.

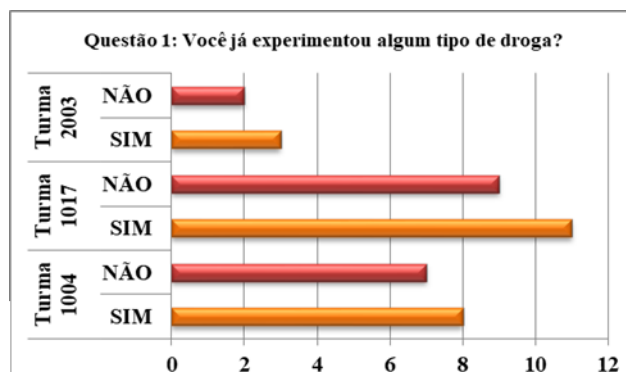


Gráfico 1: Respostas à questão 1 (Q1).

Ao serem questionadas/os sobre a relevância de discussões desse tipo na escola, ficou evidenciado que a maioria dos estudantes entende que a escola é (ou deveria ser) espaço para este tipo de debate, havendo unanimidade de respostas positivas à pergunta em duas das três turmas analisadas, e 66,7% na terceira turma, conforme mostra o Gráfico 2.

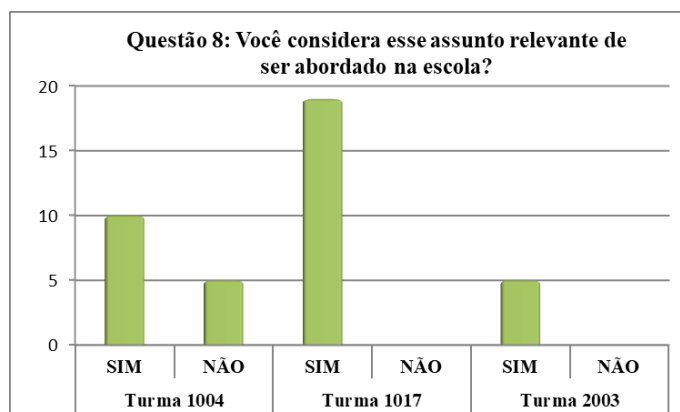


Gráfico 2: Respostas à questão 8 (Q1).

Na análise de repostas dadas ao Q2 foi possível, de modo qualitativo, identificar como esses/as estudantes consideraram importante que haja ações educativas como a realizada visando inclusive o conhecimento entre o próprio grupo, visto que ficou evidente que muitos dos estudantes ali presentes não costumam conversar a respeito do tema e sequer sabiam de práticas de uso de alguns de seus colegas. Esse, por sua vez, é um dado que corrobora com a literatura de Becker (2008) na qual tal grupo seria enquadrado na lógica dos “desviantes secretos”². Alguns dos comentários coletados e indicados abaixo revelam tais apontamentos:

“Esse tipo de atividade deveria ser mais frequente nas escolas.” (16 anos, masculino, 1º ano).

“Ouvi coisas que eu não sabia, e descobri que tem pessoas com a mesma opinião que eu.” (16 anos, feminino, 1º ano EM).

“É importante debater sobre as drogas e ver todos os lados de cada opinião, policial, adolescente, adulto, bandido.” (17 anos, feminino, 2º ano EM)

Esse dado nos permite inferir que a escola não é um espaço onde esses adolescentes considerem seguro ou adequado compartilhar tanto de si com os outros. Não que eles não conversem ou estabeleçam laços de amizade, mas, ao que tudo indica, o compartilhamento desse tipo de informação não cabe entre os muros da escola.

Conclusões

Não abordar a temática dentro dos muros escolares põe em risco os alunos ao negar-lhes um conhecimento qualificado sobre o tema e dá ensejo à reprodução de informações deturpadas e incorretas, o que pode facilitar usos abusivos e problemáticos em função desta ausência de diálogo. Com isso, é comum, ao adentrarmos o espaço escolar com propostas relacionadas ao tema, lidar com certo distanciamento por parte dos estudantes já que os mesmos associam às práticas anteriores, na qual o proibicionismo é esqueleto de incursões carregadas de preceitos morais. Ou seja, a ausência de discussões sobre drogas no ambiente escolar perpetua mitos e inverdades; fomenta medos, inseguranças e desconfianças nas relações interpessoais, gerando intolerância e diversos preconceitos e discriminações mútuas.

Referências

ACSELRAD, G. “Educação para a autonomia”. R. EMERJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 63 (Edição Especial), p. 96 - 104, out. - dez. 2013.

_____. *Quem tem medo de falar sobre drogas? Saber mais para se proteger*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BECKER, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Nuggets. Animação. Direção e Script: Andreas Hykade. Studio FILM BILDER 2014.

² Howard Becker chama desviante secreto ao usuário de drogas que mantém seu hábito em segredo